

O “Cultivo” da Ideia de Igualdade de Oportunidades: Mulheres Rurais e Feminismo¹

Yarim Mayma Ferreira FREITAS²

Pedro Pinto de OLIVEIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo de caso do lugar da mulher que atua na agricultura familiar. Pesquisa de análise comunicacional, buscamos compreender como se dá a construção de discursos de valores e de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, a partir de relatos de mulheres rurais da Associação Comunitária de Mulheres de João Carro, localizada em Chapada dos Guimarães (MT). Nossa fundamentação teve como eixo a ideia relacional da comunicação, na noção de Vera França, e o conceito de Acontecimento a partir de Quéré, a fim de verificarmos quais sentidos e valores do feminino emergiram a partir da criação da associação. Em complemento, incorporamos o conceito do feminismo sob a perspectiva do filósofo John Dewey, com base na obra de Marta Vaamonde.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; acontecimento; feminismo; mulheres rurais; cidadania.

INTRODUÇÃO

O propósito desse artigo é apresentar, a partir da visada relacional da comunicação, como mulheres agricultoras familiares constroem seus discursos de valores e de igualdade de oportunidades entre os gêneros. Partimos do procedimento de dar voz e ouvir as personagens desse contexto sociocultural, com entrevistas abertas com algumas associadas, na sede da associação, a fim de compreender como percebem os seus papéis sociais depois do acontecimento que serve de marco para a pesquisa, a criação da associação. Essas narrativas foram a base para a análise de como elas enquadram a interação social, em especial na relação ao outro, como os homens que vivem na comunidade.

¹Trabalho apresentado no DT 7 - Comunicação, espaço e cidadania do Intercom Júnior no XIX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste.

² Estudante do 6º Semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e propaganda – Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: yarim_mah@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: ppo@terra.com.br.

O eixo central da abordagem feminista que sustenta nossa análise é a igualdade de gênero. Uma noção de feminismo, conforme a autora espanhola Marta Vaamonde, a partir do autor John Dewey⁴. Ele condenava a desigualdade entre os gêneros e a atribuía à diferença entre a educação recebida por homens e mulheres em detrimento do sexo, defendendo não só a igualdade, como propondo a cooperação entre eles, na busca por uma democracia participativa. Dewey antecipou-se ao feminismo contemporâneo, trazendo o debate de temas atuais sobre o papel da mulher no ambiente social e familiar – questões as quais nos deparamos durante a análise dos achados.

Além disso, um dos conceitos utilizado foi o Acontecimento, em Louis Quéré. Aqui, coube usar a definição de Acontecimento enquanto fatos que ocorrem a alguém; que provocam ruptura e desorganização; introduzem uma diferença; convocam um passado e repositonam o futuro. Percebido, dessa forma, o conceito é base para a análise da construção do acontecimento, ou seja, a criação da Associação Comunitária de Mulheres de João Carro. Finalizando a fundamentação teórica, utilizamos o conceito de “enquadramento”, abordando a vertente que analisa os discursos dos indivíduos em interação. Ela nos permite verificar a forma como os atores se posicionam em face de outros, atualizando o conjunto de regras, normas e valores individuais ou do grupo.

Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos, os quais organizaram de forma coerente a nossa pesquisa. Posteriormente, analisamos, a partir da visada feminista e dos conceitos operadores já citados, a dinâmica comunicacional, os valores presentes nos discursos, construídos a partir da interação entre os sujeitos, a materialidade dos discursos, além do contexto sociocultural vivido pelas protagonistas, entre elas mesmas, com os homens da comunidade e com eventuais cônjuges. Tais aspectos foram analisados a fim de verificar como as regras de igualdade são percebidas entre homens e mulheres no meio rural. Na sequência, analisamos se o Acontecimento, fruto da iniciativa do grupo organizado, suscitou mudanças na vida dessas mulheres. Conferindo, por fim, os limites de um acontecimento: até que ponto ele transforma e faz agir, dados pelas situações individuais e em grupo.

MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR

⁴ Um dos principais defensores da igualdade de oportunidades educativas para a mulher. Ele não apenas facilitou acesso da mulher americana às universidades, como também influenciou os debates europeus. Dewey pediu demissão da chefia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Chicago quando fecharam o departamento de mulheres. Como ativista fiel ao seu pragmatismo, Dewey não só defendeu teoricamente a cooperação de mulheres e homens como fator importante no desenvolvimento moral e democrático, como o praticou.

De acordo com a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, há no Brasil pouco mais de 14 milhões de mulheres residentes na zona rural. Conforme o último levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as trabalhadoras rurais são responsáveis pela renda de 42,4% das famílias do campo. Dados do Instituto de Pesquisa mostram que 45% dos produtos oriundos da agricultura familiar são cultivados pelas mãos de mulheres. Conforme levantamento feito pela Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER), Mato Grosso possui mais de 104 mil famílias de agricultores familiares, responsáveis por mais de 70% dos alimentos consumidos no estado. Para a coordenadora de Políticas para as Mulheres Rurais da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, Solange da Costa, um dos desafios é ter igualdade de direitos e poder mostrar que elas são fundamentais no desenvolvimento do campo. Para ela, a realidade da mulher rural está em transformação, apesar de lenta, as mulheres já enxergam a importância do trabalho que realizam.

“Lugar de Mulher”

A Associação Comunitária de Mulheres de João Carro está situada no município de Chapada dos Guimarães (60 km de Cuiabá). Fundada em 2004, a Associação completou 13 anos de existência. Atualmente, a instituição possui 31 mulheres associadas, todas residentes na comunidade João Carro. A associação é exclusivamente de mulheres, são elas que estão no comando. A faixa etária entre elas é de 25 a 80 anos de idade. Os trabalhos desenvolvidos na Associação são referentes às áreas de panificação, à serigrafia e à costura. Cada mulher realiza o trabalho que mais se identifica, conforme seus talentos, ou seja, há mulheres que só trabalham no setor de panificação, já outras que trabalham em todos os setores da sede. O que chamou nossa atenção na pesquisa foram as marcas do “não dito”: as expressões faciais, os risos, os silêncios, a relação entre elas no cotidiano da Associação, além dos valores presentes nos discursos, emergidos a partir dos relatos, especialmente, ao referirem-se à relação com os companheiros. Tais questões serão exploradas adiante, na análise dos discursos.

Feminismo

Nossa visada conceitual sobre feminismo foi proposta a partir da autora espanhola Marta Vaamonde, na obra *Debate feminista contemporâneo – aportaciones de John Dewey*. A autora faz um estudo sobre a vida e as obras de Dewey buscando a sua

compreensão acerca das questões que se referem à igualdade de gênero. O autor dedicou-se à análise da educação para as mulheres, partindo dos problemas sociais. Dewey considerava a escola como principal agente de transformação social. A esse respeito, observava que a formação da mulher estava socialmente restrita a desempenharem papéis de esposas e mães. Sendo assim, a desigualdade social entre homens e mulheres seria resultado da desigualdade educacional entre eles. Para o autor, separar a formação tendo em vista o sexo convertê-lo-ia em elemento fundamental para a instrução que receberiam, bem como no papel social que desempenhariam.

De acordo com Dewey, a igualdade de gênero não se limitava ao reconhecimento de direitos, mas sim à igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, a fim de estabelecer relações cooperadas e comunicativas, parte indispensável da democracia participativa proposta por ele. Isso porque em cooperação mulheres e homens ajustam seus pontos de vistas e enriquecem suas experiências. Dessa forma, o autor atribui à comunicação parte imprescindível no desenvolvimento enriquecedor das práticas cotidianas. Conforme Vaamonde (2015), diante de seu posicionamento, Dewey adiantou-se ao feminismo contemporâneo que denuncia os discursos que determinam o que as mulheres são ou devem ser, em vez de oferecer oportunidades para que possam decidir. Nesse sentido, observa Dewey, que a raiz do problema seria a determinação a priori das funções sociais em razão do sexo, pois isso estabelece limites ao desenvolvimento de talentos. Tais limites estão presentes muito mais no caso da mulher, as quais as tarefas reduzem-se aos cuidados da família.

Isso ocorre porque a mulher aprende que a família é a sua vocação. Assim, em contraste ao homem, a mulher deve considerar a vida familiar não apenas como um bem, mas como o seu único bem. Vaamonde (2015) aponta as afirmações de Dewey como inovadoras para a sua época, inclusive ao antecipar a proposta contemporânea de conciliar a vida familiar e profissional e defender a ideia de que a responsabilidade familiar de mulheres e homens deve ser igual. Assim, tendo apresentado nossa visada conceitual, abordamos, em sequência, o conceito de Acontecimento. Vemos o Acontecimento enquanto ocorrência desencadeadora de diversos sentidos vistos nas formas que os discursos assumem, abrindo a perspectiva de um olhar dos valores do Feminismo, no caso, a busca pela igualdade de oportunidades e melhores condições de vida na zona rural.

Acontecimento

A noção de Acontecimento é bastante significativa no campo da comunicação e no terreno midiático. Denominam-se Acontecimento os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque. Para alguns autores, acontecimentos são os fatos dignos de serem noticiados. Para outros, Acontecimento é a transformação de um fato em narrativa, ou seja, se foi noticiado, passou a existir. E há autores que acreditam que o Acontecimento nem existe fora da mídia, sendo uma construção ou invenção do jornalismo e demais práticas midiáticas.

Neste artigo, interessa-nos a noção advinda de França (2012), que fala de Acontecimento com base no paradigma relacional, bem como as contribuições oriundas de Quéré (2005; 2012). Para França (2012, p. 13), “um acontecimento acontece a alguém; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade”. Assim, um evento que não nos afeta não se torna um Acontecimento. O segundo ponto a se destacar, conforme França (2012), é que o Acontecimento é portador de uma diferença e uma ruptura. Ele penetra sem aviso prévio e gera um impasse, uma interrogação. O terceiro aspecto, segundo ela, seria o fato de que “o acontecimento suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas. Ele alarga o leque do possível – e descortina o horizonte do que não havia sido pensado”. Dessa forma, segundo Quéré (2005), o acontecimento convoca passado e futuro. Faz-nos olhar para trás e indagar: onde ele estava anunciado e não foi percebido? De onde ele vem e que causas vieram a provocá-lo? (QUÉRÉ, 2005, p. 62-63).

Conforme França (2012), apesar do sofrimento causado por alguns Acontecimentos, em todos eles existe uma positividade: eles são responsáveis pelo dinamismo da vida. Afinal, as coisas acontecem, e para que a vida não se interrompa, os indivíduos devem reinventá-la, ou inventar novas formas de fazê-la prosseguir. Portanto, este é o conceito de “Acontecimento” adotado aqui: fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização; que introduzem uma diferença; eles convocam um passado e reposicionam o futuro.

Haja a vista a nossa capacidade simbólica, somos aptos a construções imagéticas e representacionais. Desse modo, construímos narrativas em torno dos Acontecimentos, possibilitando que eles “adquiram uma nova vida, uma segunda vida. Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação” (QUÉRÉ, 2012, p. 30). A primeira vida, segundo o autor, é da ordem do

existencial: trata-se do acontecimento que observamos, que causa sentimento, congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração. A segunda vida é o Acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico. Dessa forma, a realização do Acontecimento como narrativa traz as marcas do vivido. Ou seja, a experiência do narrador traduz-se na criação simbólica na construção do discurso, como veremos adiante, na transcrição de relatos das associadas.

O Acontecimento não existe sozinho, ele acontece a alguém. Nesse sentido, para França (2012), é fundamental assumirmos a natureza relacional do acontecimento, tendo em vista que ele é a convergência entre fatos e sentidos, discursos e ações, afetando os indivíduos e adaptando os fatos no contexto de suas experiências. Embora essas experiências sejam sentidas e vividas individualmente, elas não possuem caráter individual, mas sim social. Ao atribuir caráter relacional ao acontecimento, as ocorrências falam por si sobre o contexto vivido pela sociedade, seus valores e como ela expressa e reivindica o cumprimento desses valores. Dado que eles são revelados também pelo discurso dos sujeitos, abordamos agora, o conceito de enquadramento.

Enquadramento

Utilizamos o conceito operador de enquadramento para analisar o conjunto de narrativas a fim de conferir, nas marcas discursivas das interlocutoras, as experiências vividas e se estas influenciam no Acontecimento. A noção de enquadramento foi proposta, primeiramente, por Gregory Bateson. Neste artigo, usamos o conceito a partir de Goffman, que o desenvolve na aplicação a diversas sequências interativas.

De acordo com Mendonça e Simões (2007), o objetivo de Goffman (1986) não é investigar grandes estruturas e sistemas sociais, mas sim pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos. Eles deparam-se em toda situação com a questão: “O que está acontecendo aqui?”. Assim, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação. Para desenvolver a ideia de enquadramento, Goffman (1986) baseia-se em diversos autores, entre eles Bateson e Schutz. Dessa forma, apropria-se do conceito e desenvolve o que chama de *Frame analysis*, um conceito aplicado pelo autor a diversas sequências interativas. Goffman (1986) definiu *frame* como o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (GOFFMAN, 1986, p. 10-11). Esses seriam os princípios dos quadros que possibilitam aos sujeitos a *definição da situação*. Com o intuito de discutir as mudanças de quadros, Goffman (1986) desenvolve a ideia

de *Footings*, que diz respeito à postura dos interlocutores em interação, sendo construído a partir dos discursos. Nesse sentido, define Mendonça e Simões (2007) que *enquadramento* permite identificar os princípios de organização que presidem uma situação e o engajamento dos atores nela, enquanto *footings* referem-se especificamente ao posicionamento de tais atores em uma interação com enquadramento definido.

Existem diversas possibilidades de operacionalização de enquadramento, Mendonça e Simões (2007) estabelecem uma categorização centrada em três modelos de apropriação do conceito. Neste artigo, analisamos o nosso objeto a partir da vertente que analisa a situação comunicativa. Nela, inserem-se os estudos realizados pelo próprio Goffman, que busca pensar como situações interacionais diferentes moldam as relações ali estabelecidas. Conforme Cefai (2007), a noção *goffmaniana* é muito frutífera para refletir sobre os contextos de micro mobilização permitindo pensar a ação coletiva como um conjunto de ações situadas (SIMÕES; MENDONÇA, 2007, p. 192). Assim, “os acontecimentos práticos e discursivos que ocorrem no mundo vivido dos indivíduos, as situações que os afetam, convocam-nos a interagir e a se unir em um coletivo.” (MENDONÇA; SIMÕES, 2007, p. 192 apud CEFAL, 2007, p. 626).

O estudo focado na interação entre os sujeitos permite verificarmos o modo como os atores mobilizam enquadramentos e posicionam-se diante deles. Esta abordagem revela-se muito útil na análise de conversação de pequenas sequências interativas, tal como no caso do nosso objeto de estudo. Conhecendo o modo como diferentes atores reagem, essa vertente permite “investigar o permanente trabalho de cristalização, atualização e transformação das regras e convenções que banalizam as interações, atualizando valores e normas sociais” (SIMÕES; MENDONÇA, 2007, p. 195). Essa definição é a nossa base para o processo de investigação, a qual nos permitiu explorar a análise, orientando os procedimentos metodológicos, vistos na sequência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao questionarmos o papel social da mulher no meio rural, era preciso definir um recorte que orientasse a pesquisa. Nesse sentido, a escolha pela Associação Comunitária de Mulheres de João Carro, como nosso objeto de estudo, partiu de características determinantes acerca da instituição. Entre eles, está o fato de ser uma Associação exclusivamente feminina, organizada e com participação ativa na comunidade onde está situada. Além disso, prevaleceu o desejo inicial em ser uma instituição local, no âmbito da baixada cuiabana, o que facilitou o acesso em ir ao campo para escrever com

propriedade. Optamos por realizar entrevistas abertas, com uma sequência de perguntas gerais acerca da Associação, da relação entre elas no cotidiano, entre elas e homens da comunidade e seus cônjuges. Através do enquadramento dado – análise das narrativas – foi possível identificar o poder do contexto e os valores inerentes ao discurso das associadas. Buscando, enfim, compreender como e até que ponto o acontecimento influencia as relações entre os sujeitos. Conforme visto a seguir, na análise dos achados.

ACHADOS DA PESQUISA

Os conceitos abordados nesse artigo – feminismo, acontecimento e enquadramento – permitem-nos analisar os relatos que, revelam um conjunto de valores partilhados entre as mulheres em interação. Com base no enquadramento do Acontecimento, analisamos a criação de uma Associação de Mulheres, diante de situações que envolvem problemas sociais historicamente arraigados, o que a comunicação faz falar e faz calar, ao mesmo tempo.

Associação Feminina: Igualdade de Oportunidades

A sequência interativa entre as mulheres da Associação apresenta uma diversificação de razões pelas quais se tornaram associadas, que é, em geral, a necessidade de um reconhecimento próprio, a busca pela independência financeira e a valorização de talentos antes desconhecidos ou inexplorados. Em sua maioria, as associadas eram donas de casa que dependiam de seus maridos não só para suprir as necessidades do lar, como também para os gastos próprios. Além de conquistarem suas próprias rendas, as associadas buscavam o apego por atividades prazerosas, bem como benefícios para as mulheres da comunidade através de cursos ligados à economia solidária. No início, a instituição desenvolvia apenas duas atividades: a costura e produção de poupas de frutas. Com o tempo, cursos oferecidos por instituições de ensino técnico foram fundamentais para que as mulheres continuassem na Associação, entre eles: cursos de aprimoramento da costura, pintura, fabricação de pães, biscoitos e até sabão. Atualmente, a Associação atua em três ramos de atividades: costura, serigrafia e panificação. Mais do que conquistar seu próprio dinheiro, por meio dos cursos, elas adquirem conhecimento, o que para elas é impagável.

Inserção das Mulheres na Comunidade

Conforme as associadas, os ramos que atendem atualmente foram possíveis graças à força de vontade do grupo em desenvolver outros tipos de produtos. Cursos de

qualificação ofertados por instituições de ensino técnico abriram portas para o desenvolvimento dessas potencialidades e para a maior comercialização de produtos, logo, aumento da renda das associadas. Nesse sentido, a fabricação de uniformes para a escola da comunidade; a produção de pães destinada à merenda escolar; a fabricação de roupas para a prefeitura do município, bem como para os trabalhadores rurais da comunidade, evidencia a inserção da Associação de Mulheres na comunidade.

Para dona Teonila⁵, a relação entre a associação e a comunidade é uma via de mão dupla, a Associação de Mulheres confere visibilidade do poder público para a comunidade João Carro. Além disso, conforme Teonila, o fato de a associação atender às necessidades da única escola da região torna-a muito importante e valorizada. Todas as entrevistadas acreditam que, em geral, a comunidade valoriza a Associação. Dessa forma, o valor atribuído ao trabalho delas certifica o respeito de uma comunidade que já as reconhece como um grupo organizado. Tendo em vista que essa inserção também é parte do contexto, tratamos a seguir da sua potência frente ao Acontecimento.

O Poder do Contexto

O contexto sociocultural está inserido como uma das dinâmicas básicas do nosso eixo teórico: o paradigma relacional. Nesse sentido, analisamos aqui as relações entre elas, no momento delas, na associação e com os homens da comunidade e seus companheiros a fim de analisar se a questão da igualdade de gêneros é premissa básica nessas relações de interação. Conforme as associadas, todas têm boas relações entre si. Isso ficou claro em toda a dinâmica interativa: há uma relação de respeito mútuo entre elas, não apenas pela idade ou posição hierárquica dentro da Associação, mas um respeito natural à história e à trajetória de vida de cada uma, além do companheirismo de anos juntas, dividindo não só as experiências da Associação, como da vida pessoal.

De nossa parte, essa relação é tão presente que, por vezes, neste artigo, atribuímos a algumas mulheres o pronome de tratamento “dona”. Cabe uma explicação: esse tratamento aqui se refere não só a idade, como também ao respeito pelas experiências vividas: as idosas apresentam situações de maiores sofrimentos, como é o caso, por exemplo, de dona Maria⁶, mãe de 22 filhos, que conviveu por muito tempo com as agressões de um marido alcóolatra e ciumento. Além disso, há uma relação de

⁵ Teonila da Cruz, presidente da Associação Comunitária de Mulheres de João Carro - a “Líder” do grupo. Os nomes citados nesse artigo são reais, nomes das próprias entrevistadas. Tratamos por “dona” as mais experientes do grupo.

⁶ Maria Moraes, divorciada, uma das senhoras mais participativas do diálogo.

amor com o trabalho e pelo o que produzem. Iranil⁷ das associadas declara: “é muito amor para com os meus pãezinhos”. Para todas elas, associar-se propiciou mudanças. Agora, independentes, conquistam sua própria renda e se veem de outra forma, com maior conhecimento e autoestima. O aprendizado adquirido através de cursos e palestras torna-as muito felizes, elas enfatizam com orgulho os conhecimentos novos – de leis institucionais ao aproveitamento da casca da abóbora. Com os cursos, além de produzirem em grupo, na Associação, algumas produzem e comercializam para fora, complementando a renda familiar.

Grande parte das mulheres entrevistadas possui Ensino Médio completo. Enquanto isso, a maioria dos respectivos maridos frequentou a escola até a quarta série do Ensino Fundamental, o que revela que ainda com todas as barreiras as mulheres estão à frente de seus companheiros, no que diz respeito ao nível de escolaridade. Entre as seis entrevistadas, quatro são casadas, uma é viúva e uma divorciada. Em casa, a rotina da maioria delas é cuidar dos afazeres domésticos. As atividades diárias são cozinhar, lavar roupa, limpar casa, cuidar da horta e algumas cuidam de filhos e netos.

Quando indagadas sobre as relações delas com os homens da comunidade foram unânimes: todas possuem bons relacionamentos. “Esta semana mesmo eles precisaram da Associação para fazer um curso”, respondeu Teonila, de modo a enfatizar a parceria entre mulheres e homens. Tal exemplo, porém, nos permite repensar essa relação como uma questão de conveniência ou respeito de fato.

Quando a mesma pergunta é feita em relação à convivência em casa – mulheres casadas com seus esposos – temos murmúrios, risos aflitos e um momento de descontração. Para definir as relações em casa, com seus companheiros, usaram adjetivos como “estável”, “boa” e “respeitosa”. Isso revela contradição em respostas que analisamos adiante, cuja pergunta tratava-se de violência doméstica.

No que diz respeito à opinião dos esposos sobre a participação delas na Associação feminina, a maioria das casadas revela a insatisfação deles. Segundo Teonila, sobre o marido, “ele não fala nada, porque ele é uma pessoa que não tem ciúmes, mas às vezes eu percebo que ele não acha muito bom, porque várias vezes eu abro mão da minha obrigação em casa para vir pra cá”. Conforme Benedita⁸, “ele não ajuda e nem atrapalha”, assim como Iranil que enfatiza “o meu não apoia, mas também não discorda, ele respeita”. Mesmo antes de ser uma associada, dona Maria relembra as

⁷ Iranil Silva, chamada carinhosamente por “Preta” - braço direito da presidente Teonila, na Associação.

⁸ Benedita da Guia, única entre as associadas que se recusou comentar sobre o tema da violência doméstica.

crises do ex-companheiro: “meu marido mandou eu separar dele, porque eu trabalhava e ele ficava com ciúmes. Ele aparecia bêbado no meu trabalho. Após cinco anos tentando, consegui me divorciar”.

Com participação financeira na renda familiar, as mulheres contribuem juntamente com os maridos no custeio das despesas de casa, porém, não os permitem usar o dinheiro delas com gastos exclusivos deles. “A contribuição é toda junta, mas no meu dinheiro ele não coloca a mão” (Teonila). Sobre a ajuda deles no trabalho doméstico, a maioria não contribui com os afazeres do lar, sendo essa atividade, um serviço quase exclusivo das esposas. Em meio a risos das companheiras de Associação, Benedita revelou uma exceção: “quando eu estou doente, meu marido até ajuda, mas se eu começar a andar ele não faz mais”. Quando, enfim, questionadas acerca da violência doméstica, salvo dona Orlinda⁹, todas já sofreram algum tipo de violência. Nesse momento do diálogo, obtemos algumas respostas que refletem os valores tanto das mulheres quanto dos homens e dos dois em interação enquanto cônjuges. Temos relatos de violência verbal, física e quase assassinato. Aqui, atentamo-nos ao poder do dito e, principalmente, do “não dito”, ou seja, as expressões, as palavras interrompidas, os risos de constrangimento de quem fala e também das companheiras.

Teonila, como presidente da Associação, foi a primeira a responder e também orientou que todas respondessem. “Eu já sofri. Mas não foi uma violência de me bater, dar um tapa ou uma pedrada; mas verbal, no passado, já ouvi palavras que não foram agradáveis. Então, violência física não, mas verbal sim”. Iranil revela que já foi violentada, mas pontua: “Eu já sofri umas duas vezes só. Mas, hoje em dia, Graças a Deus, não acontece mais. Já passou”.

Silvana¹⁰, também revela já ter sido vítima de violência doméstica, mas enfatiza que “só verbal”. Já Benedita prefere não falar sobre, respondendo: “vou falar do futuro, passado a gente deixa pra trás”. Esta posição nos diz muito sobre as possíveis situações já vividas por ela. O passado é tão doloroso, que Benedita prefere não lembrar.

Maria conta abertamente que já sofreu muito com a violência por parte do ex-marido, com quem teve 22 filhos. “Ele pegava até faca pra me matar. Uma vez, bêbado, quase derrubou a porta pra me matar, meus filhos que não deixavam. Ele já foi preso um par de vezes”. Hoje, o ex-marido, que também mora na comunidade, tem ordem judicial que o impede de chegar próximo dela. Segundo o grupo, são comuns na comunidade os

⁹ Orlinda Arruda, a única entre as entrevistadas que revelou nunca ter sofrido abusos por parte do falecido esposo.

¹⁰ Silvana Pinho, a única do grupo que trabalha fora, no serviço público, em Chapada dos Guimarães.

relatos de violência doméstica de homens contra mulheres. O que revela serem experiências que ainda fazem parte do cotidiano das mulheres de João Carro. O contexto, portanto, faz emergir valores, que analisamos a seguir.

Valores do Discurso

Partindo do enquadramento do Acontecimento – a criação da Associação de mulheres – analisamos agora os valores que atravessam os relatos das seis mulheres participantes do diálogo. Identificamos aqui o que a comunicação faz falar e faz calar.

A convivência entre elas no contexto da Associação faz emergir valores que são compartilhados entre a maioria. Em todas as questões abordadas, há concordâncias de opiniões e mais que isso: não temos divergências sobre nenhum aspecto, o que significa que a interação propicia a existência de valores comuns. Mesmo os valores passíveis de questionamentos são compartilhados pelo grupo. Um dos primeiros valores percebidos na roda de conversa é a organização social entre elas, como associadas. Embora todas as mulheres tivessem o mesmo direito à fala, sempre a primeira a se expressar era a presidente da Associação, dona Teonila. Parece haver um imaginário compartilhado, algumas mulheres sentem-se inclusive representadas pela opinião da presidente.

Além disso, independentemente da posição hierárquica, é visível a boa relação entre elas: amigável, de respeito e companheirismo. Nem sempre foi assim, houve um período de relações problemáticas com três antigas associadas que hoje, ao cogitarem o retorno, logo são barradas. Ou seja, existem regras de convívio em prol da satisfação comum e rendimento do trabalho do grupo. No que diz respeito aos valores das relações entre elas e seus esposos, observamos algumas contradições. Entre as casadas, embora afirmassem que em casa tivessem boas relações, todas já haviam sofrido violência doméstica por parte dos atuais maridos. No entanto, o que aliviava o fato de já terem sido agredidas era pontuar frente às outras mulheres que aquilo ocorreu no passado e que atualmente não ocorre mais. Ou seja, sendo um passado que não retorna, as relações com os cônjuges tornaram-se agora respeitadas.

Além disso, algumas mulheres alegaram nunca terem sofrido violência física, mas sim verbal. Todas elas atribuíram menor relevância à violência verbal – revelando mais um valor compartilhado – ou seja, ainda que errado, esse tipo de violência é aceitável. Comuns, no contexto vivido, alguns relatos de violência geram inclusive risos entre elas. Talvez esta seja uma forma de amenizar a gravidade dos fatos em face da realidade. Embora estejamos tratando de mulheres, observa-se em muitos discursos a

disseminação de valores machistas, ancorados na desigualdade histórica entre os gêneros. A noção *deweyana* revela que os preconceitos e valores arcaicos que atuam no presente estão sempre ancorados no passado. Eles resistem porque os juízos de valor são baseados em crenças, em preceitos fixados, nunca reavaliados. Conforme Dewey, uma teoria de valor é sempre uma teoria crítica. Isso porque vê os meios e fins que sustentam esses valores e faz uma revisão, não os aceita como algo natural, sem uma ação inteligente, de avaliar como esses valores são fixados pela moral costumeira.

Tais valores são percebidos nas falas das associadas. Exemplo disso conferimos na opinião de Teonila que, ao ouvir os depoimentos das outras mulheres, exprime: “hoje em dia, quem faz a convivência para muito tempo ou até o final da vida é a mulher”. Isso representa que ainda se faz presente na sociedade a ideia de que o desfecho do casamento depende da capacidade das mulheres em relevar algumas situações na relação a dois. Atribuir à mulher a responsabilidade do êxito do casamento é validar ao homem um tratamento machista, autoritário e abusivo, haja vista que no imaginário social a mulher deve engolir tais excessos, a fim de conservar o casamento conforme os preceitos divinos. Mesmo com todas as contradições expressas diante dos relatos, todas as entrevistadas partilham da opinião de que mulheres e homens devem ter os mesmos direitos de oportunidades e serem tratados igualmente, com respeito. “Do mesmo jeito que os homens gostam de serem tratados com respeito, as mulheres também querem ser respeitadas” (Iranil e Teonila).

Criação da Associação Feminina como Acontecimento

Para abordar o Acontecimento do estudo de caso em questão, relembramos a definição de Acontecimento, em França (2012), que afirma serem fatos que provocam ruptura e introduzem uma diferença, convocando o passado e reposicionando o futuro. Nesse sentido, tendo todas as características atribuídas pela autora, definimos como o Acontecimento a criação da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar, já que tivemos várias situações que contribuíram para essa iniciativa. O objetivo dessa abordagem é verificar, pelas marcas discursivas, se a criação da Associação provocou transformações no contexto vivido por essas mulheres e se igualou as oportunidades entre os gêneros. Conforme os relatos, associar-se ao grupo provocou mudanças não apenas no que se refere à questão financeira, mas também na visibilidade e no respeito por parte dos esposos e homens da comunidade. A Associação alterou alguns fatores em suas vidas: questões como a renda própria, a ajuda nas despesas familiares e a violência

sofrida, que segundo elas faz parte do passado. No entanto, apesar da potência transformadora desse Acontecimento, há também limitações, dadas pelos contextos. Temos fatores conservadores que resistem, inalterados, exemplo disso é o fato de ainda não terem o apoio dos maridos na participação da Associação. No cotidiano doméstico, elas ainda são responsáveis por todos os afazeres do lar, tendo agora uma dupla jornada – o trabalho na associação e em casa.

Reconhecendo as limitações desse Acontecimento, podemos afirmar através dessa análise que o Acontecimento pode ou não alterar uma situação ou um contexto. Em suma, nota-se que, embora organizadas, representativas e valorizadas sob a perspectiva de outros, alguns contextos não alteraram. Não alteram porque dependem de situações individuais entre elas e eles. Situações essas inseridas dentro de um contexto maior, no qual a desigualdade entre os gêneros ainda persiste. Nesse sentido, embora tenhamos visto através da criação de uma Associação feminina, um grande passo na busca pelo autorreconhecimento e igualdade de oportunidades para mulheres e homens no meio rural, as marcas discursivas do Acontecimento revelam não apenas aspectos positivos, mas também pontuam os negativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos que – embora entre as mulheres rurais a consciência sobre a importância da igualdade de gênero esteja presente – os discursos vistos sob um conjunto de narrativas provenientes delas em interação revelam questões historicamente dominantes. Exemplo disso é a problemática do machismo. Apesar de serem vítimas dele, os discursos de algumas associadas perpetuam a desigualdade entre mulheres e homens, tal fato foi percebido em diversos momentos da dinâmica comunicacional proposta. Tais discursos dizem respeito ao contexto, à cultura e aos valores morais de uma sociedade que mantém concepções machistas sobre o papel social da mulher. De modo trivial, os discursos construídos pelos sujeitos refletem alguns valores que são compartilhados entre o meio. Eles são explicados por Vaamonde (2015), pela perspectiva de Dewey, na noção de Feminismo descrita na fundamentação.

Percebemos que a criação da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar, em um cenário dominado pela figura masculina, reflete sim um Acontecimento. Atualmente, através da Associação, as agricultoras familiares percebem-se além do que se viam: independentes financeiramente, com participação ativa na comunidade onde estão inseridas e distinguem o convívio familiar do passado e do presente. Apesar de

alguns quadros terem sido alterados positivamente pelo Acontecimento, podemos afirmar que também nos deparamos com algumas limitações, isto é, algumas situações não se alteraram. Mesmo assim, estas situações que não se transformaram são, por vezes, suavizadas nos relatos das mulheres entrevistadas. Isso pode ser conferido através da noção de enquadramento em Goffman, sob a vertente que propõe a análise dos discursos dos indivíduos em uma sequência interativa. Com base no enquadramento, aplicado na análise das narrativas, podemos afirmar que as limitações do Acontecimento – situações que não apresentaram mudanças – esbarram em um conjunto de situações comuns inseridas em um contexto geral, revelando além da desigualdade histórica entre os gêneros, o desrespeito contra a mulher.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, P. **Políticas para mulheres são prioridades na Sead**. 2017. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/pol%C3%ADticas-para-mulheres-s%C3%A3o-prioridade-na-sead>. Acesso em: 04 de abr de 2017.

CEFAI, D. **Pourquoi se mobilise-t-on? Lês théories de l'action collective**. Paris: La Découverte/M.A.U.S.S, 2007.

FRANÇA, V. R. V. Acontecimento e a mídia. **Galáxia**, v. 12, p. 1-12, 2012.

FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (orgs). **Acontecimento: reverberações**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Nova York, Pantheon Books, 1967.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. **Enquadramento** – Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. RBCS, v. 27, n. 79, 2012.

PERSONA, R. **Empaer comemora 51 anos dedicados à agricultura familiar**. 2016. Disponível em: <http://www3.mt.gov.br/imprime.php?cid=153396&sid=166>. Acesso em: 04 de abr de 2017.

QUÉRÉ, L. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, I. (org.). **Prendre place: espace public et culture dramatique**. Paris: Recherches, 1995.

VAAMONDE, M. **Debate Feminista Contemporáneo** – Aportaciones de John Dewey. Biblioteca Nueva, S. L., Madrid, 2015.